

Linguagens da Internet e ensino: desafios da escrita na sala de aula¹

Robson Fonseca Simões
Mestre em Educação; Atua no IFRJ
e-mail: fonsim2000@hotmail.com

“As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios.”
(Mikhail Bakhtin)

Em busca de um olhar linguístico

O século XXI entra em cena com recursos tecnológicos tão poderosos que despertam, cada vez mais, novas experiências e valores nos mais diversos segmentos da sociedade contemporânea, sobretudo o da infância e o da juventude. Entendemos que o educador do mundo contemporâneo deva estar sintonizado com a pedagogia dos tempos tecnológicos que exige a leitura das diferentes linguagens que estão postas no mundo. Charlot (2000, p. 78) ratifica que a relação com o saber é uma aliança com sistemas simbólicos, notadamente, com a linguagem.

Este estudo procura refletir sobre uma pesquisa-ação com alunos de uma escola pública do Rio de Janeiro. Os sujeitos são os estudantes de uma turma do ensino técnico/médio que fizeram o concurso público de 2005. As escritas destes educandos, imbuídas dos ecos linguísticos da internet, me chamaram a atenção: “...as máquinas *teem* grandes utilidades pra *nois*”; “...você tá falando e *neim* sabe”; “...ele *naum* vai fazer uma prova pra *vc*”; “...ele faz *atraveis* das teclas do computador e *vc neim* percebe”; “...mas é *tb* importante para *nois* a informação”; “...as pessoas *naum pensaum* e *naum* criam”, motivando-me a uma reflexão sobre a língua.

Habitados com o mundo eletrônico, cada vez mais os alunos vêm trazendo para a escrita escolar ecos de uma linguagem típica da internet, cheia de signos, símbolos, abreviaturas, imagens etc. Essa transposição, muitas vezes, causa um estranhamento no universo escolar, calcado numa perspectiva de trabalho com a língua a partir da sua normatividade.

¹ O texto foi escrito a partir da dissertação de Mestrado defendida pelo autor no Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ, em julho de 2007, sob orientação da Dr^a Rita Ribes, com o título: “Vozes inconclusas: mosaicos linguísticos presentes na sala de aula e na vida”.

É do estranhamento linguístico causado a um professor de Língua Portuguesa que este trabalho trata, assim como este estranhamento se transformou em aprendizagem para o educador/pesquisador.

Uma reflexão sobre a linguagem com Bakhtin

O que é a linguagem para Bakhtin? Para ele, a linguagem é uma prática social que tem na língua a sua realidade material. E o que é a língua? Ela é entendida não como um sistema abstrato de formas lingüísticas à parte da atividade do falante, mas como um *processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação, que é a sua verdadeira substância*. (PIRES, 2003, p. 47). O autor russo valoriza a fala, que não é individual, senão social, e está estreitamente ligada à enunciação, já que o momento da enunciação, instaurando a intersubjetividade, suscita também a interação.

Com a chegada de um espaço cibernético virtual quando os jovens usuários estabelecem suas interações, criando novos traços de comunicação, defendemos uma natureza social e não individual da linguagem. Bakhtin situa a realidade material, ou seja, a língua, bem como os indivíduos que a usam, em um contexto sócio-histórico. *A língua penetra na vida pelos enunciadore concretos que a realizam* (BAKHTIN, 1997, p. 282), da mesma forma que, por meio deles, a vida penetra nela. E nesse intercâmbio de vozes, a palavra (o signo linguístico) se estabelece sobretudo como um fenômeno ideológico, pois é impregnada de valores culturais e sociais, contribuindo à formação de um palco de elocução.

O autor russo entende que o signo linguístico tem, pois, uma plurivalência social que se refere ao seu valor contextual. O fato de diferentes grupos sociais empregarem o mesmo sistema lingüístico proporciona um manifesto das palavras com valores ideológicos contraditórios, tendo o seu sentido firmado pelo contexto em que ocorrem. O sentido se evoca a partir da situação social: *a vida da palavra, sua passagem de um locutor a outro, de um contexto a outro, de uma coletividade social, de uma geração a outra*. (BAKHTIN, 1975, p. 263).

O que é ligada à plurivalência nos estudos do signo bakhtiniano é a mutabilidade. E o que vem a ser esta característica lingüística, uma vez que, como reflexo das condições do meio social, a palavra é sensível às transformações na estrutura social, registrando todas as mudanças. As palavras permanecem ligadas às relações sociais e são tecidas a partir de uma infinidade de fios ideológicos, portanto, *serão sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais*. (BAKHTIN, 1979, p. 41).

Entendemos que Bakhtin ratifica que o fundamento de toda a linguagem é o dialogismo, essa relação com o outro. E de que diálogo estamos falando? Do diálogo com a vida social e cultural do homem. É possível pensar que tudo o que nos cerca é compreendido por nós como o meio da voz ou da palavra de um outro. Logo, o enunciado daquele outro é um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um mosaico de opiniões e visões de mundo. Nessa relação dialógica que é o discurso, são instituídos sentidos que não são os precursores do momento da enunciação, mas que fazem parte de um processo contínuo de movimento. Repensando, entendemos que o indivíduo não é a origem do seu dizer.

Os propósitos comunicativos: para que servem e o que são os textos?

Em pleno século XXI, após várias descobertas científicas e com o advento de novas tecnologias, o professor se vê diante da seguinte questão: o que é texto, afinal?

Conceituar texto não é uma tarefa das mais fáceis, pois ele está relacionado com fatores que compõem sua estrutura semântica e sintática, e fatores que interagem fora do texto, isto é, que contribuem para entendimento do leitor.

Podemos afirmar que texto não é apenas uma unidade dotada de aspectos discursivos, semânticos e formais, e sim, um processo de interação entre autor e leitor. Dellísola (2001, p. 24) afirma que o texto não possui um sentido único e, tal como a leitura, é uma produção e não um produto. Além disso, o texto apresenta propriedades fundamentais como coerência, coesão, informatividade, intertextualidade, aceitabilidade e intencionalidade, para que possa exercer sua principal função: a comunicação.

A partir desse conceito, podemos incluir toda manifestação de comunicação verbal ou não-verbal, oral ou escrita, fazendo parte desse amplo conceito de texto: o *chat*, o *e-mail*, o hipertexto, os classificados, o resumo de novela, a lista telefônica, o quadrinho, o telejornal etc, e o leitor, peça importante no processo, fará escolhas de textos de acordo com o objetivo pretendido.

Nos diálogos *on-line*, os *chats*, o texto digitado pelos participantes, com toda uma gama de símbolos, abreviações, e até a Netiqueta citada em Coscarelli (1999, p. 36) como "regras de etiqueta, especiais para cobrir situações que surgem quando as pessoas se comunicam por meio de uma rede", há uma certa informalidade e um quase que total rompimento da escrita padrão que os torna muito próximos do texto oral. Parece-me que as abreviações e sinais são feitos para, de alguma forma, assinalar a prosódia. Acredito que essas novas tecnologias que surgiram, de certo modo, vem nos atentando sobre a necessidade de se repensar a língua falada. Uma discussão sobre qual seria a

importância da língua falada para a aquisição da língua escrita poderia ser um bom exercício de reflexão linguística para o professor nos diversos segmentos escolares.

Assim, como educador paro e questiono: como lidar com isso? De que maneira cercear a escrita dos jovens e adolescentes, na sala de aula, do domínio dos signos linguísticos do espaço virtual? Será que a linguagem se esgota na escrita padrão, principal preocupação dos gramáticos? Qual o papel do educador de língua portuguesa neste cenário? Eis algumas questões para o professor do tempo das tecnologias repensar e reconsiderar.

Aproximando dos dispositivos tecnológicos contemporâneos

Percebe-se a invasão do cotidiano pela internet com *sites, blogs, flogs, orkut* e *softwares* educativos que, juntos, compõem as novas tecnologias do mundo contemporâneo, obrigando-nos a repensar a relação histórica entre oralidade, textos, escrita e imagem. Na internet, palavras e imagens se revezam na criação de uma nova expressividade – veloz, intensa, dispersa e simultânea. Criar novos signos na linguagem é produzir pensamento na escola? Qual o significado desta nova combinação entre imagens e palavras? Em que medidas esta linguagem pode significar fruição e conhecimento? Tentar traduzir o “internetês” trazido pelos alunos e convidá-los a apresentarem uma *lan house*, foram os primeiros sinais de abertura ao estranhamento – contando, para isso, com a ajuda de um dicionário e dos próprios alunos. Daí, nasceu o desejo de conhecer as produções escritas dos alunos na sua vida social, tanto para melhor conhecê-los quanto para poder compreender as transformações da linguagem, vista como produção humana.

Fui convidado a participar do *Orkut* de uma turma de alunos. É uma comunidade virtual que preza a amizade, mensagens de bom humor, sugestões de restaurantes e parques, avisos de provas agendadas, comentários do período de greve. Esses alunos/membros também pertencem a outras comunidades: “o Pedro fala muito”; “Bean, impossível não rir”; “Luiza, impossível não gostar”; “Eu amo a Erikita”; “Gabriel, sem comparação”; “Camila, tu eh demais”.

Para se apresentarem em suas páginas, escolhem a sua melhor foto, tirada recentemente e registram nos seus perfis um pouco do que gostariam de falar sobre eles mesmos. Entre fotos e palavras, sua história e seus desejos ganham forma. Uma aluna, por exemplo, escreve que se pudesse prever o futuro, gostaria de saber qual é o destino daqueles que fazem acreditar que são confiáveis, amigos e sinceros, mas acabam decepcionando. Ela gostaria de entender o que está mudando nela e o motivo desta mudança. A aluna registra suas paixões na vida (família, amigos); seu livro preferido (O Código da Vinci), sua melhor música (*Strani Amori*) e cinema (Um amor

para recordar). Muitas vezes é nesse espaço público e virtual que ganham visibilidade questões invisíveis à família e à escola.

Os propósitos comunicativos da linguagem: estimulando a produção de textos

Enquanto aceitava o desafio de adentrar nesse mundo virtual em que os alunos se sentem tão à vontade, fui desafiando-os a criar composições em que precisavam se expressar usando a linguagem verbal e a não-verbal. Curiosamente, a riqueza dos textos e o domínio da norma culta eram enfrentados com a mesma propriedade com que faziam charges, colagens, desenhos etc.

Entendo que tratar dos gêneros poderia lembrar um tema da literatura, a arte das letras; contudo esta reflexão, talvez, seja uma das primeiras concepções que devemos evitar. É interessante pensar uma relação com a linguagem. Os propósitos comunicativos são a base para determinar os gêneros, ou seja, os gêneros se identificam à base do uso e da necessidade comunicativa. Mas o que isso significa? Podemos dialogar com Bakhtin (1992, p.86) quando o mesmo insistia no caráter comunicativo dos gêneros: “Os gêneros do discurso organizam nossa linguagem da mesma maneira que as formas gramaticais”. A gramática organiza as sentenças, contudo Bakhtin defende que a competência linguística dos falantes deve ser considerada muito além da frase e abranger tipos mais amplos estáveis de enunciados. O autor ratificava o caráter coletivo e social dos gêneros: “Cada época e cada grupo social tem o seu repertório de formas de discurso na comunicação socioideológica”.

Outros linguistas também relacionaram os gêneros com a linguagem, particularmente com o seu componente pragmático: com as funções da linguagem, como fez Jakobson, ou com os atos da fala, como fez Todorov. Com esta associação entre os gêneros e a linguagem, os autores querem relacionar as regras dos gêneros com os elementos da comunicação, com a intenção do emissor ou com a motivação pela qual o autor escreve.

Os propósitos comunicativos determinam os gêneros e estes dão forma aos textos. As intenções e as motivações daquele que escreve tomam forma linguística nos discursos. Compreendemos que são os acontecimentos sociais que dão vida aos propósitos da comunicação, e estes, ocorrem em determinadas situações verificadas no cotidiano e se realizam por meio das marcas linguísticas que nos revelam a idiosincrasia, isto é, uma maneira de o autor enxergar o mundo. Logo, podemos pensar que o texto é como um conjunto de enunciados linguísticos, organizados seletivamente em função do gênero a que pertence.

Para nos ajudar a perceber os propósitos comunicativos na sala de aula, a riqueza dos textos e o domínio da norma culta eram enfrentados com a mesma habilidade com que faziam charges, colagens, desenhos etc. desenvolvidos ao longo de um ano com os mesmos autores/sujeitos que desenvolveram em suas composições signos linguísticos oriundos da internet.

A atividade proposta consistia em apresentar a mesma temática da prova que haviam feito para a admissão ao curso, a internet, usando a linguagem verbal e a não-verbal e foi utilizada com o objetivo de dialogar com outro texto escrito desenvolvido anteriormente. Essa atividade, de certo modo, desafiava-os a um uso mais amplo da linguagem que naquela ocasião.

Análises linguísticas dos discursos produzidos sobre a internet na sala de aula

Se vivemos num tempo e na história, assim texto e interpretação não surgem do nada. Estão inscritos num determinado momento histórico. Também, lemos a partir de diferentes bagagens culturais. Cada um de nós, portanto, constrói o seu texto, dando-lhe significado. A leitura não é um processo neutro. Entendemos que os mais variados textos possuem lacunas e silêncios que são preenchidos pelos leitores. Qualquer enunciado está vinculado a uma vertente social, cultural e ideológica. Na mesma linha de raciocínio para Bakhtin (1991, p.112), qualquer texto comunica e cria outros significados. Para este autor o texto possui uma dupla função: unívoca e dialógica. Na maioria dos casos, uma ou outra função é predominante. Quando a ênfase principal está na transmissão precisa de informações, predomina a função unívoca. A segunda função do texto é a de criar significados, pois, como nos afirma Bakhtin, “um texto não é um receptáculo passivo ou suporte de conteúdos que vieram do nada para o seu interior”.

A ênfase na função unívoca, isto é, na transmissão de informações, está associada a uma voz que transmite informações para outra voz que as recebe. Nos textos organizados em torno da função unívoca, há pouco espaço para que a voz receptora questione. Já quando os textos se baseiam na função dialógica, cada voz participará da criação e negociação de significados. Assim, a própria natureza da linguagem é dialógica, o que significa perceber que o ato de fala, de escrita ou de leitura realizado em sala de aula, entre educadores e alunos, implica um diálogo, uma interação entre experiências culturais e linguísticas diferenciadas. Tanto a fala, quanto a leitura e a escrita são “instâncias carregadas de significados em determinados lugares, recobertos de história.” (BAKHTIN, 1991, p.16).

Entendemos que um texto dialoga com outros já existentes, apontando para a noção de intertextualidade, isto é, um texto tem relação com textos anteriores e aponta para textos futuros.

Por outro lado, as lacunas de um texto incluem a noção de implícito, que abrange inúmeros subentendidos. Chamamos de um texto incompleto quando no seu discurso instaura o espaço da intersubjetividade que se constitui pela interação com o leitor e com a situação de leitura. Assim compreendido, o texto não é lugar de interpretação definitiva, mas é processo de construção de significados. Do ponto de vista das condições de produção, um texto é indeterminado (possibilita múltiplas leituras) e, ao mesmo tempo, determinado pelo contexto específico de um leitor específico. Ao se confrontarem a indeterminação do texto e a determinação do contexto, surgem novas leituras.

Quando lemos, produzimos sentido, extraímos significados das palavras do autor. As idéias do autor se chocam com as nossas experiências e criam novas experiências. Formamos imagens mentais daquilo que não está em nossa presença. Isto significa que, ao ler, damos asas à imaginação. Quando lemos ou escrevemos, não podemos, pelo menos inicialmente, nos basear, apenas, nas regras, senão estaremos destruindo as fontes intrínsecas de prazer que a leitura e a escrita proporcionam.

O nosso objetivo não é esgotar as análises dos discursos cujo tema foi a internet, mas tentar compreender que a leitura /escrita na sala de aula pode estimular autores/ leitores a dialogar com a vida e desenvolver seus textos com seus estilos, e na sala de aula, como um instrumento de trabalho.

Considerando o foco narrativo nos discursos, observamos que, nos diversos textos, todos em prosa, os autores preferem usar a 3ª pessoa do discurso, isto é, opinando sobre o universo virtual sem se identificarem nos enunciados, ou seja, firmando uma posição parcial diante do tema proposto: “O mundo virtual oferece inúmeras vantagens: você faz compras e obtém resultados de exames médicos sem sair de casa, diminui o valor da conta telefônica e se atualiza constantemente. Mas é preciso que se tenha um uso moderado dessa tecnologia”.

Podemos observar, também, discursos utilizados em 1ª pessoa nos textos, que nos remete à compreensão de uma imparcialidade diante das idéias e argumentos: “Queria deixar bem claro que aqui não critico a praticidade. Critico a frieza, a falta de colorido do mundo virtual. Critico a escravidão que nos provoca, e, principalmente, a falta de discernimento por parte do usuário que não sabe definir o tempo e o lugar do real e do virtual”.

Numa análise criteriosa na ortografia, foram observados raríssimos desvios, fortalecendo a ideia de que a grafia correta das palavras e os sinais de pontuação são fundamentais numa produção de texto para o nosso interlocutor.

Não podemos deixar de destacar a coesão e a coerência tecidas nos mais diversos enunciados, enfatizando a articulação textual que, na elaboração dos discursos, deve ser alcançada por meio de palavras e expressões que, na língua, têm como função justamente o estabelecimento

de referências e relações entre grupos de palavras e expressões: o controle dos nós linguísticos, a saber, a coesão referencial, sequencial e lexical; uma preocupação com as relações de sentido no texto, é o que podemos observar no trecho do texto do aluno Fábio Santos Cagido, da turma BM-111: “A internet é uma moeda: tem duas faces. Assim, ela possui o seu lado bom e o seu lado ruim; se for utilizada de uma maneira inteligente, esta ferramenta poderá ajudar o homem na sua constante evolução”.

Na articulação sintática dos discursos, encontramos poucos desvios de linguagem. A língua portuguesa faz uso de mecanismos de concordâncias nominais e verbais para marcar formalmente as relações de determinação ou dependência morfossintática existentes entre os constituintes dos sintagmas nominais e verbais, isto é, articular as hierarquias linguísticas nas sentenças, é o que podemos ler em um trecho do texto da aluna Carolina Mazza, da turma BM-111: “Devemos usar com moderação o mundo virtual, porque tudo sem limite vira doença”.

Para que o discurso tenha um fundamento, é preciso haver condições mínimas de entendimento. Se não houver, o ato de comunicação não se efetivará, e o discurso cairá no vazio. Para Bakhtin (1998, p.225) o “discurso não reflete uma situação, ele é uma situação. Ele é uma enunciação que torna possível considerar a performance da voz que o anuncia e o contexto social em que é anunciado.” O discurso se relaciona com as posições de seus agentes, de acordo com a posição que eles assumem no campo das lutas sociais e ideológicas, ou seja, por meio do discurso, o agente manterá, ou não, a sua posição a respeito dos assuntos que o cercam. Tudo dependerá do diálogo que ele manterá com os outros discursos. E como lembra Bakhtin (1998, p.123), “diálogo não significa apenas a comunicação entre duas pessoas; refere-se ao amplo intercâmbio de discursos, tanto na dimensão sincrônica como diacrônica, manifestados pela sociedade”.

Assim, entendemos que, talvez, nós educadores devamos ver estes discursos como momentos com produção de conhecimento e um grande processo de transformação e liberdade de uma sociedade. Não é possível, então, isolar os atos de comunicação, a linguagem, os discursos. Ambos estão interligados a uma cadeia que tem significado efêmero que, dependendo de um dado histórico, político, econômico ou cultural, pode tomar outras significações. E o homem é o personagem principal destas possíveis transformações que, junto com a poética, que é “o discurso da existência humana”, poderão reescrever qualquer discurso que venha surgir dentro do mundo real ou virtual.

Considerações finais

Muitas discussões no campo linguístico vêm se travando, mobilizando profissionais e pesquisadores da linguagem com a chegada da internet na vida e na escola. As inovações tecnológicas geraram novos meios de comunicação desmistificando a linguagem. Longe de desvalorizar o discurso escrito, os computadores incrementaram métodos e práticas tecnológicas que intensificaram novas maneiras de se comunicar. Talvez a era da informática tenha vindo tornar ainda mais importante que anteriormente a capacidade de ler e escrever, entendendo-se por ler, decifrar, entender, analisar, interpretar textos, e por escrever, produzir textos de diferentes gêneros para a comunicação em diferentes esferas de atividade. Assim, entendemos que as ferramentas tecnológicas talvez tenham aperfeiçoado a arte da leitura e escrita.

Bechara (2001, p.52) nos auxilia para explicar a gramática da língua portuguesa: “Cabe à gramática normativa, que não é uma disciplina com finalidade científica e sim pedagógica, elencar os fatos recomendados como modelares da exemplaridade idiomática para serem utilizados em circunstâncias especiais do convívio social.” Nesta acepção, entendemos estar presente no ambiente escolar a predominância da escrita normativa embora o educador trabalhe com os mais variados gêneros discursivos na sala de aula para que os alunos dominem os diversos tipos de textos. Cabe à escola, portanto, propiciar aos alunos o domínio dos gêneros para que eles possam usá-los com desembaraço em todos os momentos de suas vidas.

Salientamos, também, que nas origens dos estudos linguísticos, os modelos da teoria da informação apresentados são essencialmente lineares, ou seja, tratam da transmissão da mensagem de um emissor a um receptor, sem ocupar-se da reciprocidade ou da circularidade característica da comunicação humana, ou seja, da possibilidade que tem o receptor de tornar-se emissor e de “realimentar” a comunicação, ou do alargamento e complexidade da comunicação que pode, por exemplo, dirigir-se a um destinatário, mas visando ao outro. Assim, Fiorin (2003, p. 42) afirma: “A comunicação deve ser, portanto, repensada, nesse quadro, não mais como um fenômeno de mão única, do emissor ao receptor, mas como um sistema interacional. Neste sistema interacional importam não apenas os efeitos da comunicação sobre o receptor, como também os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor”.

Este estudo sistematiza um esforço de lidar com a diversidade de vozes e com a sua inconclusibilidade numa arena marcada por contradições: a normatividade da língua e a língua viva do cotidiano; a linearidade da escrita e o hipertexto; o saber formal do educador e o suposto não-saber do seu aluno.

Assumir essas contradições como reflexão mostrou-se como possibilidade de transformar minha prática educativa em questão de minha pesquisa acadêmica. Neste palco de vozes inconclusas, a pesquisa nasceu e se desenvolveu. Assim, o pesquisador é aquele que não sabe, ele vai buscar o que não conhece para dialogar e conhecer o outro. Assim, percebi que nesse palco encontram-se vozes surpreendentes que clamam por um interlocutor conectado ao seu tempo, difundem um extraordinário elenco de signos e expressões do universo tecnológico, anunciam uma linguagem que está fora dos limites do papel na sala de aula, talvez estimulem as variações linguísticas da época contemporânea e desejam um mundo cujas palavras sejam as suas armas e a língua, a sua força.

Um grande desafio está lançado a todos os educadores que lidam com jovens e adolescentes no mundo contemporâneo: o desafio do diálogo. Talvez, nos aproximarmos deles seja um grande rumo a ser seguido. Ouvi-los e os termos como interlocutores, suscita um pacto de companheirismo que nos aproxima deste grande movimento chamado língua.

É nessa atividade linguística que o ser humano encontra a própria autonomia, que se mira no direito de pensar, de aprender, de ensinar, de conceber, de opinar, de sentir, de sonhar. Uma premissa para que a linguagem seja, portanto, um ato de liberdade.

Referências

BAKHTIN, Mikhail.(VOLOCHÏNOV) *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSCARELLI, C.V. *O uso da informática como instrumento de ensino-aprendizagem*. Belo Horizonte: Presença pedagógica, 1999.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à lingüística. I: objetos teóricos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2005.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KATO, M. *No mundo da escrita*. São Paulo: Ática, 1987.

KLEIMAN, Angela. *Leitura, ensino e pesquisa*. Campinas, SP: Pontes.1989.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PIRES, Vera Lúcia (Org.). *Bakhtin diálogos inconclusos*. Santa Maria : Pallotti, 2003.

SOUZA, Solange Jobim(org.). *Mosaico: imagens do conhecimento*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000.